

BOLETIM DO SANATÓRIO SÃO LUCAS

FUNDAÇÃO PARA O PROGRESSO DA CIRURGIA

Rua Pirapitinguí, 80 — São Paulo, Brasil

VOL XX

ABRIL DE 1959

N.º 10

Sumário:

	PÁG.
<i>A Imagem da Virgem de São Lucas da Catedral da Bahia — Dr. EDUARDO PINTO DE VASCONCELOS FILHO</i>	147
<i>Literatura Médica</i>	160



Boletim do Sanatório São Lucas

Suplemento de

"ANAIIS PAULISTAS DE MEDICINA E CIRURGIA"

Editado sob a direção do

DR. CLODOMIRO PEREIRA DA SILVA

pelo

SANATÓRIO SÃO LUCAS

FUNDAÇÃO PARA O PROGRESSO DA CIRURGIA

Diretor

DR. EURICO BRANCO RIBEIRO



Órgão oficial da Sociedade Médica São Lucas

Rua Pirapitingui, 80, Caixa Postal, 1574 — São Paulo, Brasil



DIRETORIA — EXERCÍCIO 1959/1960

Presidente

DR. ADALBERTO LEITE FERRAZ

Vice-Presidente

DR. PAULO G. BRESSAN

Primeiro Secretário

DR. EURICO BRANCO RIBEIRO

Segundo Secretário

DR. NELSON CAMPANILE

Primeiro Tesoureiro

DR. LUIZ BRANCO RIBEIRO

Segundo Tesoureiro

DR. FERDINANDO COSTA

Bibliotecário

DR. JOÃO NOEL VON SONNLEITHNER

Conselho Consultivo:

Prof. CARMO LORDY

DR. ADHEMAR NOBRE

DR. CLODOMIRO PEREIRA DA SILVA

DR. ERNESTO AFONSO DE CARVALHO

DR. CESÁRIO TAVARES

BOLETIM
DO
SANATÓRIO SÃO LUCAS
FUNDAÇÃO PARA O PROGRESSO DA CIRURGIA

VOL. XX

ABRIL DE 1959

N.º 10

A imagem da Virgem de São Lucas
da Catedral da Bahia

Dr. EDUARDO PINTO DE VASCONCELOS FILHO
(*Obstetra no Rio de Janeiro*)

(Continuação)

Em homenagem ao Papa Libério que a consagrou no ano de 352, foi também chamada Basílica Liberiana. A Igreja foi crescendo com o tempo. Sixto III reformou-a integralmente na metade do V século." "Enriqueceram-na Eugênio III com um pórtico; Nicolau V com uma abside e Gregório XI com um campanário.

Foi remodelada no século XVI. Fontana a dotaria em 1586, com a Capela Sixtina e Ponzio com a Borghese em 1611.

Crescia tanto em riqueza, beleza e patrimônio sacro — na Capela do Crucificado está o primeiro leito de Cristo, — a mangedoura — que transformou-se na maior das Igrejas dedicadas à Rainha do Céu. Daí, Santa Maria Maior.

Tem também a sua tradição ou lenda a origem da Igreja de Nossa Senhora do Populo ou Santa Maria do Populo que abriga, no altar mor, uma das Virgens de São Lucas.

A formosa colina do Pincio no local histórico da Porta Flamínea, era tristemente famosa porque ali ficava o túmulo de Nero. A superstição afirmando terríveis aparições, afastava o povo do belo sítio.

Pascoal II em 1099, para redimi-lo e santificá-lo, fez construir uma capela, substituída em 1227 por uma igreja edificada com as esmolas dadas pelo povo romano. Daí Nossa Senhora do Populo.

Reconstruída por ordem do Papa Sixto IV em 1477 foi sendo embelezada pelos Pontífices e famílias nobres, tornando-se verdadeiro museu de arte. Obras primas de Bernardino de Betti — o Pinturicchio — Lorenzetto, Caravaggio, Sansovino e Bernini, ornamentam-na.



"La Vergine col Bambino", atribuída a São Lucas e existente na Igreja de Santa Maria del Popolo em Roma.

A imagem da Virgem Milagrosa de São Lucas existente na Igreja de Santa Maria do Populo apresenta a seguinte inscrição: "Tu honorificientia Populi Nostri".

E' da tradição que a imagem se encontrava na Capela Santa Sanctorum em S. João de Latrão, sendo trazida para Santa Maria do Populo pelo Papa Gregório IX, (1227-1241) por ocasião de terrível epidemia de peste.

Na imagem existente em Santa Maria do Populo, as figuras e detalhes diferem bastante daquela venerada em Santa Maria Maior.

A tela existente na Catedral do Salvador é reconhecidamente uma cópia desta última. Dela, são também cópia fiel, as existentes "em Palermo, na Igreja da Casa Professa, a que era do Gesù em Roma e está agora no Noviciado de Galoro e a de Santo André,

no quarto de Santo Estanislau.” O Padre Cândido Mendes, vice-provincial do Norte do Brasil em carta escrita em 1938 ao historiador jesuíta Padre Serafim Leite informa: “... as três que vi são tôdas pintadas em tela e do tamanho da da Bahia. Comparei a fotografia da Bahia com a de Santo André, ponto por ponto, juntamente com o padre provincial Paulo Durão e não achamos diferença notável senão nas coroas da Senhora e do Menino, que são posteriores. Na moldura, por cima, está a legenda. “Hanc imaginem São Francisco Borgia ab exquilino exemplari primam omnium experimendam curavit”.

Tôdas essas imagens da Virgem com o Menino Jesus atribuídas a São Lucas revelam inequívoca influência bizantina.

Não representasse Constantinopla — a Nova Roma — uma reação contra a decadência e descrença, verdadeira renovação da fé.

Constantino colocou a sua cidade sob a proteção da mãe de Deus e da Santíssima Trindade.

Era o cristianismo recebendo o favor imperial e dando como resultado, uma grande expansão da arte religiosa já então combinando os processos da arte grego-romana com poderosas influências orientais.

Muito provavelmente a Lucas — o Santo — monge e pintor florentino do século XI e, em tempo mais remoto, a Lucas — o eremita — cabe a autoria das telas que uma antiga tradição atribuiu a São Lucas Evangelista.

Julgamos que em função do tempo, a lenda, a história e a verdade, como as côres, os sons e os perfumes, também se confundem.

O Evangelho de Lucas é o único que obedece a ordem histórico-cronológica dos fatos, “conforme nos transmitiram, os que, desde o princípio, foram dêles testemunhas oculares e ministros da palavra”. Por que não acreditar tivesse ido Lucas de Cesaréa a Jerusalém “procurando investigar tudo desde a sua origem”, para visitar e ouvir a máxima e perfeita testemunha, Maria.

“Então o Anjo entrou e disse: Ave! cheia de graça, o Senhor é contigo! Maria, não temas porque achaste graça diante de Deus. Conceberás e darás à luz a um filho a quem darás o nome de Jesus. Ele reinará para sempre na casa de Jacob e seu reinado não terá fim.

Como será isto, pois não conheço varão?

Descerá sôbre ti o Espírito Santo e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra, por isso o ente Santo que há de nascer será chamado Filho de Deus.

Então disse: Aqui está a serva do Senhor; que se cumpra em mim conforme a tua palavra.

Depois contou a visita feita a Isabel, que sentindo a criança lhe estremecer no ventre respondeu à minha saudação exclamando: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre”.

Cantei então o "Magnificat". A minha alma glorifica ao senhor e o meu espírito exulta em Deus meu Salvador".

Lucas ouviu em seguida de Maria toda a verdade sobre o nascimento e infância do seu divino Filho.

Diante da pureza e verdade dos fatos narrados nos dois primeiros capítulos do Evangelho de São Lucas, impõe-se considerá-lo o mais fiel pintor da Virgem Mãe.

No terceiro Evangelho o médico Lucas traça a mais perfeita e inspiradora imagem de Maria conservada através de séculos como tema e modelo para todos os artistas.

Eis porque ele é o patrono dos pintores e artistas. Assim como a Verônica conservou a fisionomia do Cristo, São Lucas em seu Evangelho nos legou a perfeição dos traços de Maria.

Na história das Virgens de São Lucas, certamente a mais bela e dramática é a que se refere às imagens que o jesuíta Inácio de Azevedo vinha trazendo para a Bahia na viagem interrompida com o seu martírio e de mais 39 companheiros.

Inácio de Azevedo, rico e fidalgo, "de quatro costados", nasceu em 1527, perto do Pôrto. Foram seus pais, "Dom Manoel de Azevedo, da nobre família Azevedo e Malafaia, beneficiado e clérigo de missa e Da. Violante Pereira, da nobre família dos Senhores de Fernedo, freira num convento do Pôrto e filha de outra freira". O avô paterno, Dom João de Azevedo, foi bispo do Pôrto.

E' preciso compreender que no século XVI, o filho mais velho "o morgado" herdando os bens vinculados, aos outros irmãos cabia a escolha entre as armas e o estado eclesiástico que então não implicava estrita obrigação sacerdotal. "Pela maior parte eles contentavam-se em receber tonsura ou ordens menores para se habilitarem a entrar nos "benefícios eclesiásticos" com rendimentos que sobravam a uma vida abastada e ociosa". Também, "o grau de honorabilidade, media-se pela densidade de sangue nobre que corria nas veias não pelos conceitos de legitimidade ou ilegitimidade, e esta aberração mental se não justifica (o mal não tem justificação) explica ao menos a freqüência da descendência lateral, nas casas aristocráticas".

Os pais e avô de Inácio de Azevedo, estavam nessas condições.

Temos prova, através da carta que o legitimou e de sua autobiografia, quão fundo esses fatos doeram-lhe n'alma.

A vida ascética de Azevedo, a ânsia de perfeição moral, a disciplina feita de obediência e mortificações a que se obrigou, a vontade de servir longe, nas missões, bem atestam o desejo de redimir erros e pecados que não eram seus.

Aceitou Azevedo todos os postos na hierarquia da ordem jesuíta, pelo império da obediência, contrariando o desejo sincero que tinha de anular-se sempre.

Enfermeiro de leprosos em Sanfins; samaritano de pestosos, "nos ofícios de casa sempre tomava para si, o maior trabalho e algu-



Aspecto parcial do teto da sacristia da Catedral da Bahia, vendo-se Indício de Azevedo com o quadro da Virgem de São Lucas.

mas vêzes era porteiro, cozinheiro e êle mesmo fazia os colchões para os irmãos."

Quando reitor em Braga "cedeu o gibão a um súbdito e o frio apertava; desceu ao estábulo por um retalho de manta e fêz dela uma samarra. Descoberto quiseram obrigá-lo a substituí-la, mas êle cortou as discussões: que eram quitados tantos empenhos, porque a manta mudava apenas de um jumento para outro."

Reitor em Santo Antão, assistiu o grande amigo dos Jesuítas, Dom João III, inaugurar em 1554, no dia de São Lucas, 18 de outubro, o primeiro colégio público gratuito de Lisboa. E' dispensável salientar a importância social dêsse fato. Foi depois reitor em Braga e Coimbra; Vice Provincial, Provincial, Visitador do Brasil e finalmente Provincial do Brasil.

O extraordinário Padre Manoel da Nóbrega julgando indispensável a vinda de maior número de jesuítas para missão de catequese e inadiável a solução de vários problemas de natureza material e espiritual da Ordem, escreveu ao Provincial Geral em 1553, pedindo a presença "de um provincial ou pelo menos de um visitador, pois "havia coisas que não se podiam dizer por escrito".

O apêlo foi atendido pelo futuro santo, 3.^o Geral, Francisco de Borja e o Padre Inácio de Azevedo constituído Visitador do Brasil.

Chegado à Bahia, reorganizou o ensino no Colégio da Ordem, examinou todos os sacerdotes ordenados no Brasil, imprimiu ordem e disciplina às Aldeias; visitou quase tôdas as Capitânias, regulando e indicando o que lhe pareceu necessário.

Partiu depois para S. Vicente ao encontro de Nóbrega, que nesse tempo, com seu prestígio pessoal e auxiliado pelo Irmão estudante Anchieta mediara a paz com os índios tamoios revoltados em S. Vicente. Nóbrega também ajudava com conselhos, armas e padres língua (peritos na língua dos índios) os guerrilheiros que tentavam expulsar os franceses do Rio de Janeiro. O Visitador Inácio de Azevedo e José de Anchieta eram passageiros de um dos galeões equipados por Mem de Sá para expulsar os franceses do Rio de Janeiro. Obtida a vitória, mais uma vez, o padre Azevedo, fêz-se sacerdote-enfermeiro e o padre Anchieta proferindo o elogio fúnebre do Capitão-general Estácio de Sá morto em combate, afirmou: "Uma nota melancólica fica quase sempre a vibrar entre o clangor triunfal das campanhas guerreiras. Ao lado dos primeiros alicerces foi aberta a sua sepultura. Não bastam pedras para tornar sólidos os fundamentos da cidade do futuro".

Finalmente em São Vicente e durante três meses e meio, Inácio de Azevedo, Nóbrega e Luiz Da Grã, discutiram e resolveram os problemas da Ordem no Brasil.

Nesse encontro ficou resolvido o sonho de Nóbrega que era criar o Colégio do Rio de Janeiro.

Volta Inácio de Azevedo à Bahia, reúne a Congregação Provincial, sendo eleito Procurador junto a Roma. Durante a viagem de volta à Europa, Azevedo com pleno conhecimento de causa, traçou um plano de ação missionária em bases novas para ser executado pelos jesuítas no Brasil. Chegando a Lisboa, começou logo a trabalhar pela realização do seu plano; neste era magna parte a participação de gente nova, de caráter firme, que fôsse fazer o noviciado no Brasil. Se não pudessem continuar na Ordem, ainda poderiam tornar-se bons colonizadores.

Padre Inácio encontrou a melhor acolhida por parte de El rei D. Sebastião, que apesar das dificuldades do erário real, prontificou-se a ajudar o empreendimento.

Sentindo o apoio decidido que nunca lhe faltou, da parte do Geral Francisco Borja, seguiu para Roma como Procurador do Brasil e especialmente do grande plano missionário que traçara. Levava

cartas de apresentação do Cardeal Dom Henrique para Francisco de Borja e do Arcebispo de Braga, bem como de El-Rei para o Papa Pio V.

Recebera também de Dom Sebastião a missão confidencial de tratar com o Pontífice — “negócios de família, entre eles, o seu possível casamento com a princesa Margarida, irmã do Rei de França.

Foi em Roma muito afetuosamente recebido por Borja, que aprovou com elogios o plano missionário.

Levou-o em seguida à presença do Papa Pio V a fim de que pudesse se desencumbir na missão que El-Rei D. Sebastião lhe conferira, aproveitando a oportunidade para expor ao Pontífice a situação catequética no Brasil e o plano delineado para ampliá-la.

Azevedo recebeu completa aprovação e estímulo do Papa Pio V, que “entregou-lhe cartas para a Família Real, dois breves, para o bispo e o governador do Brasil exortando-os a colaborar com os missionários na redução da gentilidade”. Concedeu indulgência plenária a todos os participantes da missão e ofereceu grande número de objetos devotos, “inclusive uma cabeça das onze mil Virgens.”

O Padre Geral nomeou-o Provincial para o Brasil, entregando-lhe também “cartas para todos os Provinciais da Espanha, exortando-os a colaborar na empresa do Brasil com gente escolhida”.

Quis também o Padre Geral Francisco de Borja enviar um presente à rainha de Portugal, Dona Catarina, que traduzisse a sua gratidão pelas muitas esmolas e favores prestados à Companhia de Jesus, principalmente ao Colégio Romano. “Pensou que nada lhe seria tão grato como uma reprodução da célebre imagem de Nossa Senhora, chamada de São Lucas, a qual se venerava em Santa Maria Maior”.

Por favor singularíssimo o Papa acedeu ao pedido “contanto que o pintor a não baixasse da edícula, para o povo não a ver de perto”. Apesar disso a cópia resultou tão perfeita que parecia réplica do original.

Além do exemplar oferecido a Dona Catarina o Padre Geral guardou outro consigo “do qual se espalhara ao diante, cópias por todo o mundo”.

O exemplar guardado por Borja é quase certo seja o que se encontra atualmente no Noviciado de Galoro, em Roma.

Azevedo iniciou então a grande Cruzada de alistamento de voluntários para a missão no Brasil. Percorrendo as Províncias da Ordem na Espanha, foi expondo os propósitos da empresa missionária. Em Huerta, Aragão, Toledo Valencia, Castela e Madrid” os movidos foram muitos e de boa qualidade”.

Todos, gente moça e muitos “mestres de ofícios”, que seriam certamente utilíssimos no Brasil.

Havia Inácio de Azevedo recebido profunda impressão da imagem da Virgem que levava consigo para entregar à Rainha. Devoção

intensa encheu-lhe o coração e nela depositou tãda a esperança do seu ideal. "Vestira o cilício branco de cavaleiro da Virgem, com consagração perpétua".

A imagem da Virgem de São Lucas foi exposta solenemente em Madrid, Coimbra e Évora, realçando Azevedo como fôra obtida e a quem se destinava.

Tinha o Provincial do Brasil adquirido tal fervor pela imagem da Virgem que, ao escrever a D. Miguel Torres, confessor da Rainha, avisando da próxima remessa da "Senhora" pedia também "que procurasse com S. Alteza lhe tornasse a enviar a imagem para tirar por ela outro traslado para levar ao Brasil, mostrando muito sentimento de a apartar de si". A resposta foi que "dada a dificuldade de Sua Santidade em permitir a reprodução, êle é de parecer que não se tire cópia alguma, pois o papa podia vir a sabê-lo e desgostar-se".

Mal sabia o tímido confessor que ao escrever essas linhas, já "o pintor Irmão João de Maiorga — um dos primeiros voluntários da Cruzada missionária, — estava a acabar quatro reproduções em tela, destinadas a Coimbra, Évora, Lisboa e Brasil e algum ourives a estava gravando numa pequena lâmina de bronze para que o missionário não tivesse mais "o sentimento de a apartar de si".

Cumpridas tôdas as missões e encargos trazidos de Roma, começou Inácio de Azevedo a organizar definitivamente o seu empreendimento missionário. Foram tantos os pedidos para nêle ingressar "que o trabalho do Provincial era negar novas adesões, pois vê geitos de lhe despovoar a Província".

Dom Sebastião, dada a situação do erário real, informou que só poderia custear a embarcação e a ida de sòmente 20 missionários. Felizmente, porém, Azevedo contava também com a generosidade de várias famílias nobres.

Val do Rosal, na costa da Caparica, lugar em que se combinam os ares lavados do mar e da serra, foi o escolhido, para concentração e aperfeiçoamento dos missionários.

Aí já existia uma "antiga estância para convalescentes e férias de estudantes do Colégio de Santo Antão.

Inácio de Azevedo infatigável "tudo organiza e tudo alcança", achando ainda tempo para ser o mestre dos noviços e o exemplo vivo no trabalho braçal, como também na prática de tôdas as disciplinas e exercícios espirituais.

Val do Rosal foi o retiro que preparou aquelas almas para a gloriosa salvação pelo martírio.

Estava tudo aprestado. A nau Santiago contratada por Azevedo, iria participar da frota que também seguia para a Bahia, levando o governador-geral, D. Luiz de Vasconcellos.

Estavam bem encaixilhadas as "telas de Nossa Senhora de São Lucas e outras que o irmão pintor reproduzia em série". Também

cuidadosamente guardados, pequenos insetos, chamados "grã", catados nos arbustos de Val do Rosal que forneciam material para as melhores tintas de côr vermelha a serem utilizadas pelos pincéis de João de Maiorga.

Tôda Lisboa estava presente à partida. A multidão junto aos Jeronimos e a Torre de Belém, desejava boa viagem aos passageiros das sete naus e da caravela que compunham a frota de D. Luiz de Vasconcellos. Na "Santiago" seguia o maior número de missionários sob o comando de Inácio de Azevedo que fez da vida de bordo, uma continuação do Val do Rosal. Foram organizadas para todos os passageiros, competições de catecismo, bem como leituras espirituais e nos dias de festa, a Virgem de São Lucas no centro do altar armado no castelo da pôpa, presidia as cerimônias religiosas chamadas "missas sêcas" — bênção dos passageiros e da nau —, pois ainda não havia o "costume de celebrar o santo sacrifício sôbre o mar".

Chegados a Ilha da Madeira e tendo deliberado D. Luiz aí demorar-se ficou resolvido que a nau Santiago prosseguisse até as Canárias a fim de descarregar e receber mercadorias.

Representava grande perigo a navegação sem escolta, pois a atividade corsária era intensa. Prevalecendo o interêsse comercial do capitão da nau, reuniu Inácio de Azevedo todos os seus subordinados e demais passageiros, expondo-lhes o perigo a correr, aconselhando-os a se passarem para outras embarcações. Sômente quatro seguiram o conselho; todos os outros preferiram correr o risco, no anseio de chegar ao Brasil ou às plagas de Cristo.

Antes da partida, Inácio de Azevedo indicou o Padre Pedro Dias para Vice Provincial.

Foi na igreja de Santiago na Ilha da Madeira que Padre Inácio celebrou a sua última missa, na qual todos comungaram e com exaltação mística foram feitas as despedidas.

Devido a calmaria tiveram que arribar no pequeno pôrto de Têrça-Côrte. Aí foram obsequiados por um riquíssimo fidalgo holandês, que os aconselhou a fazerem a viagem até Palmas, por terra, apenas distante três quilômetros, "ao passo que por mar, por causa dos rodeios para colher os ventos à feição, gastariam dias, não falando já do perigo dos franceses que rondavam as vizinhanças. Quanto a meios de transporte, não tenha sua Reverência que preocupar-se. Ele poria à disposição cavalgaduras para as pessoas e camelos para as bagagens."

Na igrejainha da Senhora das Angústias construída pelo fidalgo, Inácio de Azevedo teria "sentido que Deus os queria levar a termo por mar". A tradição aponta o momento da revelação ao beber o cálice. "E disse que a impressão foi tão forte que Azevedo apertando os dentes abriu uma pequena ranhura no lábio da copa que ainda hoje se pode ver".

Na despedida à bordo, mais uma vez a pintura da *Senhora de São Lucas* foi exposta e venerada.

Amanhecia o dia 15 de julho de 1570 e estava a nau Santiago já a curta distância de Las Palmas quando surgiram os navios do corsário hugenote, Jacques Soria, natural de Dieppe, protegido de Coligny e armado capitão do mar pela rainha de Navarra. Sentiram o capitão da Santiago e Azevedo que só lhes restava defender a honra e a fé.

Este último mandou "reunir todos os discípulos junto ao mastro e erguendo ao alto o pequeno quadro de bronze com a pequena imagem de São Lucas", todos cantaram as ladainhas e falou-lhes na simplicidade destas palavras guardadas de oitiva, por um passageiro testemunha. "Irmãos, aparelhem-nos todos porque hoje, neste dia, havemos de ir povoar um Colégio no Céu. Ponhamo-nos todos em oração e façamos de conta que esta é a derradeira que havemos de ter nesta vida". Todos responderam: "Senhor, ainda que morra mil mortes, faça-se vossa santíssima vontade".

Tendo o capitão da nau pedido alguns irmãos para participarem da luta, Padre Inácio respondeu-lhe que não podia permitir discípulos seus pegando em armas, porém que iria escolher os mais fortes (onze foram escolhidos) para "esforçar os combatentes, curar os feridos, atender aos moribundos".

Várias abordagens foram tentadas com grande perda para os calvinistas. Jacques Soria que a tudo assistia da nau Príncipe, incitado, ordenou nova e decisiva abordagem.

Azevedo mandou que os noviços se recolhessem em oração aos dormitórios e permaneceu junto ao mastro central tendo contra o peito a imagem da Virgem, como exemplo de fé, bravura e renúncia.

A primeira vítima foi o mestre dos noviços, Bento de Castro que por obediência pôde negar o pedido de os deixar "antes ir morrer lá fora que esperar que os venham êles, matar cá dentro" mas, para si, abraçado ao crucifixo, escolheu o caminho aos outros negado. Proclamando a sua fé, foi ferido com petardos e punhaladas, sendo jogado, ainda vivo, ao mar.

Coube em seguida a Inácio de Azevedo, a palma do martírio. Era êle o centro do ódio calvinista porque, escudado pela imagem da Virgem, a tudo atendia ao mesmo tempo que censurava os herejes e proclamava a sua fé na Santa Igreja Romana.

Ferido de morte por um golpe de lança na cabeça, teria sido em seguida lançado ao mar, tendo às mãos uma lâmina de cobre que era um "retrato da imagem de Nossa Senhora".

Outra versão é que, ferido e sempre abraçado à imagem, foi levado a um beliche "no extremo do corredor" onde recebeu os sacramentos das mãos do Padre Andrade e abençoando a todos disse-lhes: "Filhos meus, não temais! Deus me fez vosso pastor; bem é que o pastor vá adiante das ovelhas; eu vou adiante aparelhar-vos as moradas".

Tôdas as testemunhas e cronistas da Igreja são acordes em que Inácio de Azevedo morreu com a imagem da Senhora nas mãos; o mesmo não acontece quanto a ter sido lançado ao mar com ela.

Os franceses em seguida caçaram os onze escolhidos por Azevedo, sendo o pintor João da Maiorga, a primeira vítima.

Com a morte do capitão da nau Santiago, cessou a luta.

Os franceses separaram os passageiros dos jesuítas e aguardaram as ordens de Jacques Soria sobre o destino a lhes ser dado.

Ao anoitecer, a nau Príncipe aproximou-se da Santiago e Soria ordenou ao sobrinho: "Deitai, deitai ao mar, os perros pretes, monas do diabo, que vão semear falsa doutrina ao Brasil".

A essa ordem, foram friamente sangrados e ainda vivos, arremesados ao mar, cerca de 30 jovens religiosos.

Cenas de mútuo encorajamento no momento do sacrifício e de perdão aos cruéis assassinos, ficaram para sempre na memória dos que a presenciaram.

Só não foi sacrificado João Sanches, "moço pequeno", porque não acharam quem ocupasse o lugar de cozinheiro da nau. Ofereceu-se, para substituí-lo no sacrifício o sobrinho do capitão, "conhecido pelo nome familiar de São Joaninho a quem Inácio de Azevedo prometera admitir na Companhia de Jesus, antes da chegada ao Brasil". Foi ele o 40.º mártir, ficando reconhecido nos Catálogos dos Jesuítas como João Adaute — o adicionado.

O martírio de Inácio de Azevedo e seus companheiros provocou profunda consternação no mundo cristão, especialmente no Brasil.

Foram tantas as novas vocações e tão intenso o fervor missionário nascido do sangue daqueles mártires, que decorrido apenas um ano Pio V concedeu-lhes o título de "Mártires". Já em 1574 realizava-se na Bahia a primeira grande solenidade em nome dos mártires sendo pela primeira vez proclamados: Padroeiros do Brasil.

Obtido o culto provisório, na sequência do processo canônico, foram beatificados Azevedo e os seus trinta e nove companheiros, sendo-lhes o culto "renovado e confirmado, a 11 de maio de 1854 por Sua Santidade o Papa Pio VI".

Tudo o que vimos de narrar interessa e envolve o destino e a origem da Virgem da Catedral da Bahia.

Seria a mesma que Azevedo tinha às mãos quando sofreu o martírio? Certamente não, se admitirmos, como a maioria dos historiadores, que aquela era uma pintura em lâmina, enquanto que a da Catedral é uma tela.

Seria uma das cópias feitas pelo pintor João de Maiorga, posteriormente remetida ao Brasil, salva pela fé de algum tripulante, ou negociada pela cobiça dos hereges?

Seria uma cópia das existentes em Portugal, também pintadas por João de Maiorga e enviada ao Brasil após o martírio dos jesuítas?

Essas hipóteses, não sendo impossíveis, são desprovidas, entretanto, de fundamento documental que as confirme.

O que é tido como certo, conforme as investigações dos maiores estudiosos do assunto, jesuítas Manoel G. da Costa e Serafim Leite,

é que a tela da Virgem, existente na Catedral do Salvador, foi obtida em Roma pelo Padre Pedro da Fonseca e enviada a Bahia quatro anos e meio após a morte de Inácio Azevedo.

No dia 29 de maio de 1575, domingo da Santíssima Trindade, chegava à Bahia esta imagem de Nossa Senhora de São Lucas — juntamente com outras relíquias das onze mil virgens, sendo festivamente recebidas.

Essas relíquias, muito provavelmente vieram pelo galeão São Lucas.

A imagem da Virgem teria sido levada para a Igreja do Colégio.

A 3 de maio de 1584 — dia da Cruz — juntamente com outras relíquias, a imagem foi trasladada em solene procissão, da Igreja para a Capela dos Irmãos, a fim de serem, todas elas, depositadas em um Relicário, especialmente construído para esse fim.

Este relicário era feito de "pau cheio de jacarandá e outras madeiras de preço"; compunha-se de 16 armários, todos ricamente guarnecidos, sendo o central — o maior — destinado a Nossa Senhora de São Lucas.

Julgam alguns, que a Santa Imagem esteve também na capelinha de Nossa Senhora do Populo, existente na Portaria do Colégio e destruída em meado do século passado.

Esta capelinha foi localizada pelo Padre Serafim Leite, nas plantas da Igreja do Colégio, tiradas por J. A. Caldas em 1760.

Desde esta data até 1910, nada se conhece de positivo sobre a imagem.

Já no rigoroso inventário procedido após a expulsão dos jesuítas, nenhuma descrição dos objetos sacros arrolados, coincide com as características da Nossa Senhora de São Lucas.

Teria havido nesse inventário deficiência de descrição? Não julgamos isso possível, por se tratar de uma tela tão singular, que não poderia passar despercebida.

O fato é que somente em 1910 o jesuíta Luiz M. Rossi, vindo pregar um retiro e proceder a pesquisas na Bahia, teve a felicidade de achar a preciosa tela, que foi, pouco tempo depois, colocada festivamente no altar mor, pelo então arcebispo Primaz, D. Jerônimo Tomé da Silva.

Não podemos deixar de referir, sobre Nossa Senhora de São Lucas, o que é lenda para uns e milagre para outros.

Inácio de Azevedo fôra lançado ao mar segurando a imagem de Nossa Senhora. Levado pelas ondas, veio o santo corpo, à noite, bater de encontro ao costado do navio. Um português católico, ouvindo o ruído e reconhecendo ser um prodígio o que via, acercou-se e ao pegar a imagem os braços do mártir soltaram-na e o corpo submergiu.

Conservava a imagem sinais do sangue que corraera das feridas do glorioso mártir, tendo sido enviada, mais tarde, para os jesuítas na Bahia.

A Virgem chamada de São Lucas, quando foi solenemente entronizada em 1910, no altar mor da Catedral da Bahia, trazia a invocação de Nossa Senhora das Neves, sendo festejada a 5 de agosto. Já Frei Agostinho de Santa Maria, descrevendo a morte de Inácio de Azevedo, diz que trazia às mãos "cópia da Milagrosa Senhora do Populo".

Existe atualmente uma corrente de estudiosos procurando esclarecer e comprovar essa invocação.

Para os brasileiros, uma terceira invocação seria a mais justa e merecida: "Nossa Senhora dos Quarenta Mártires".

Foi sob a proteção da Virgem que Inácio de Azevedo traçou o grande plano missionário destinado ao Brasil. Ela estava no coração de todos os mártires no momento do sacrifício. Inácio de Azevedo tinha-na também, às mãos.

E' preciso reviver aquela justíssima resolução aprovada unanimemente, na Semana Missionária realizada no Rio de Janeiro em 1926, para que se declarasse os quarenta mártires "Protetores das Vocações Sacerdotais e Religiosas no Brasil".

Componham na imaginação como seria justo e belo que em um mesmo altar estivessem, uma imagem de São Lucas, a tela de Nossa Senhora dos Quarenta Mártires e no retábulo a representação da cena alusiva à glorificação dos mártires.

Vimo-lo de olhos fechados ao sair da Catedral.

Permita-me que termine, rezando este sonho.

LITERATURA MÉDICA

Livros recebidos

Chemioterapia — Relatório do 5.^o Congresso Nacional de Turim realizado em junho de 1957. — Obra, em 2 volumes, relata no 1.^o os trabalhos apresentados por 10 dos congressistas que apresentaram estudos sobre a resistência bacteriana e o perigo do emprêgo abusivo dos agentes anti-infecciosos em geral, e dos antibióticos em particular, insistindo sobre a necessidade de uma utilização racional desses medicamentos muito ativos, então, potencialmente perigosos, pois a experiência tem demonstrado que os antibióticos podem dar origem a acidentes tóxicos e a manifestações alérgicas, podendo o fenômeno da quimioresistência, por sua vez, comprometer a sua eficácia terapêutica.

No segundo volume são relatados os trabalhos apresentados por 9 congressistas, sobre os novos antibióticos e os mecanismos da quimioresistência microbiana; a resistência bacteriana à estreptomicina; os aspectos microbiológicos e clínicos das infecções por

estafilococos antibiótico-resistentes; a sensibilidade aos antibióticos da flora bacteriana isolada da exereze pulmonar por moléstia não tuberculosa; a resistência quimioterápica em Oftalmologia, etc.

Essa obra foi editada pelo *Giornale Italiano di Chemioterapia*, — *Organo Ufficiale della Società Italiana di Chemioterapia*.

Ptoses abdominales et prolapsus pelviens — *Clinique et Therapeutique Chirurgicales* — Lucien Diamant-Berger (G. Doin & Cie. — 1958). — Estudo de A. nessa obra certo número de afecções relativamente diferentes, entretanto relacionadas, pois as ptoses e os prolapsos afetam o mesmo gênero de doentes.

Abrange esse livro os capítulos: — ptose gástrica — ptoses intestinais — prolapso do reto — prolapsos genitais — ptose renal, — etc.

120 clichês e radiografias ilustram essa obra de interesse geral.

Separatas e folhetos recebidos

Analgesia e sueño terapeutico protector en el post-operatorio (Trabajo de la Clinica del Prof. Juan C. del Campo) — por el Dr. Muzio S. Marella. Apartado del n.º 4 de "Anestesia" (*Organo oficial de la Sociedad de Anestesiologia del Uruguay*) — Montevideo, 1956.

Oclusión post-operatória del delgado en las colectomias por cáncer — Dr. Muzio S. Marella. Tirada aparte del tomo II del *Septimo Congreso Uruguayo de Cirurgia*, 2-7 de diciembre de 1956. Montevideo.

